



... e então a floresta do reino de Tyto pareceu ficar cada vez menor e mais escura na noite...



Prólogo

O mundo girou, as agulhas do velho pinheiro se misturaram ao céu da noite e então veio a nauseante sensação de que o chão da floresta corria em sua direção. Soren tentou desesperadamente bater as pequenas asas curtas. Inútil! “Estou morto. Uma corujinha morta. Três semanas fora da casca e a minha vida termina!”, ele pensou.

De repente, alguma coisa começou a atenuar a queda – uma bolha de ar? Uma bolsa de vento? Uma nuvem fofa de ar envolvendo seus feios tufos de penugem? O que era? O tempo desacelerava. Sua curta vida passou em sua mente, cada segundo desde as suas primeiras lembranças...





CAPÍTULO I

A Lembrança de um Ninho



– Noctus, querido, você pode chegar mais um pouco para lá? Acho que nosso terceirinho está para chegar. Esse ovo está começando a estalar.

– Outra vez, não! – Kludd suspirou.

– O que quer dizer, Kludd, com “outra vez, não”? Você não quer outro irmãozinho? – o pai perguntou com certa rispidez.

– Ou irmã? – a mãe suspirou com um leve assobio que corujas-de-igreja às vezes usavam.

– Eu gostaria de ter uma irmã – Soren pipilou.

– Você saiu do ovo há apenas duas semanas – Kludd se virou para Soren, seu irmão mais novo. – O que você sabe sobre irmãs?

“Talvez elas sejam melhores do que irmãos”, Soren pensou. Desde que Soren havia saído do ovo, Kludd parecia sempre aborrecido.

– Acho que você não ia querer que elas nascessem justo quando você está para começar a treinar a saltar nos galhos – Kludd disse entediado.

Saltar de galho em galho era, literalmente, o primeiro passo antes do voo. As jovens corujas começavam a saltar de galho em galho e bater as asas.

– Ora, ora, Kludd! – o pai o repreendeu. – Não seja impaciente. Você terá muito tempo para passear nos galhos. Lembre-se, as suas asas de voo só vão nascer daqui a mais ou menos um mês.

Soren ia perguntar o significado de um mês quando ouviu um craque. Toda a família de corujas ficou paralisada. Para qualquer outra criatura da floresta o som teria sido imperceptível, mas corujas-de-igreja tinham a sorte de ter uma audição extraordinária.



– Está vindo! – a mãe de Soren exclamou sem fôlego. – Estou muito entusiasmada!

Ela suspirou outra vez e olhou enlevada para o ovo muito branco enquanto ele balançava de um lado para outro. Um minúsculo buraco se abriu e dele surgiu uma pequena saliência.

– O dente do ovo, por Glaux! – exclamou o pai de Soren.

– O meu era maior, não era, pai? – Kludd empurrou Soren para o lado para ver melhor, mas Soren se esgueirou para baixo da asa do pai.

– Ah, não sei, filho. Mas é mesmo uma pontinha linda e brilhante! Sempre fico emocionado. Uma coisinha tão pequenina abrindo caminho com o bico para entrar neste mundo imenso. Ah! Abençoe minha moela e toda essa maravilha.

E realmente era uma maravilha. Soren olhou para o buraco, que agora começava a se dividir em duas ou três rachaduras. O ovo estremeceu ligeiramente e as rachaduras ficaram mais longas e largas. Com ele tinha acontecido a mesma coisa havia apenas duas semanas. Aquilo era empolgante.

– O que aconteceu com o meu dente de ovo, mãe?

– Ele caiu, seu burro – Kludd respondeu.

– Oh – Soren murmurou baixinho.

Seus pais estavam de tal modo concentrados na saída do ovo que nem chamaram a atenção de Kludd pela grosseria.

– Onde está a sra. P? Sra. P? – a mãe chamou ansiosa.

– Estou bem aqui, madame – a sra. Plithiver, a velha cobra-cega que tinha estado com a família de corujas durante anos e anos, deslizou para o buraco.

Cobras-cegas, que nascem sem olhos, serviam como criadas de ninho e eram mantidas por muitas corujas para garantir que os ninhos ficassem limpos, livres de larvas e vários insetos que entravam nos buracos.

– Sra. P, nenhuma larva ou parasita naquele canto que Noctus acabou de preparar?



– Claro que não, madame. Quantas ninhadas de corujinhas eu já acompanhei com a senhora?

– Ah, desculpe-me, sra. P. Como pude duvidar da senhora? Sempre fico nervosa quando um ovo vai abrir. Sempre me sinto como se fosse a primeira vez. Não consigo me acostumar.

– Não precisa se desculpar, madame. A senhora acha que outros pássaros iam se importar com a limpeza do ninho? Já ouvi cada história sobre as gaivotas! Oh, meu Deus! Bem, não vou nem falar no assunto!

Cobras-cegas se orgulhavam de trabalhar para corujas, a quem consideravam os mais nobres dos pássaros. Meticulosas, desprezavam os outros pássaros, que consideravam menos limpos devido ao infeliz processo digestivo que os fazia eliminar apenas excrementos úmidos desleixados, em vez de montinhos bem arrumados como as pelotas que as corujas regurgitavam ou cuspiam. Embora corujas digerissem as partes moles da comida de maneira semelhante à de outros pássaros e as transformassem em líquido, por algum motivo elas nunca foram associadas a esses processos digestivos inferiores. Todos os pelos, ossos e pequenos dentes de suas presas, como camundongos, que não podiam ser digeridos da forma habitual, eram comprimidos em bolinhas do exato tamanho e forma da moela da coruja. Várias horas depois de comer, as corujas as regurgitavam. “Fazedores de cocô molhado” era como muitas criadas de ninho chamavam os outros pássaros. A sra. Plithiver, é claro, era respeitável demais para usar uma linguagem tão vulgar.

– Mãe! – Soren exclamou. – Olhe só isso.

De repente, o ninho pareceu rebentar com um forte estalo. Isto é, forte apenas para os ouvidos delicados das corujas-de-igreja. O ovo se partiu e uma bolha pálida e pegajosa caiu para fora.

– É uma menina! – um grito agudo escapou da garganta da mãe. Era um grito de pura alegria. – Adorável! – a mãe de Soren murmurou, suspirando.

– Encantadora! – acrescentou o pai.



Kludd bocejou. Soren olhava estarrecido para a coisa molhada e nua de imensos olhos saltados, ainda bem fechados.

– O que há de errado com a cabeça dela, mãe? – Soren quis saber.

– Nada, querido. Filhotinhos têm cabeças grandes. Leva algum tempo para que o corpo também cresça.

– Isso sem mencionar seus cérebros – Kludd resmungou.

– Por isso, eles não conseguem sustentar as cabeças logo que nascem – a mãe explicou. – Foi a mesma coisa com você.

– Que nome vamos dar para essa coisinha linda? – o pai de Soren perguntou.

– Eglantine – a mãe respondeu imediatamente. – Sempre quis uma pequena Eglantine.

– Oooh! Mãe, adoro esse nome – Soren retrucou e repetiu o nome baixinho.

Depois, andou na ponta dos pés na direção da pequena massa branca e pulsante.

– Eglantine – ele sussurrou com suavidade e pensou ter visto um olhinho fechado se abrir só um pouquinho e uma voz minúscula dar a impressão de dizer oi.

Soren amou a irmãzinha no mesmo instante.

Em um momento, Eglantine era uma pequena bolha molhada e trêmula, minutos depois ela parecia ter se transformado em uma bola branca e fofa coberta de penugem. Ela cresceu instantaneamente ou pelo menos essa foi a impressão de Soren. Seus pais lhe garantiram que com ele também tinha acontecido a mesma coisa. Naquela noite, ocorreu a Primeira Cerimônia do Inseto de Eglantine. Os olhos dela estavam totalmente abertos e ela berrava de fome. Eglantine mal aguentou esperar que o discurso de “Bem-vinda a Tyto”, recitado pelo pai, terminasse.

– Pequena Eglantine, seja bem-vinda à Floresta de Tyto, à Floresta das Corujas-de-Igreja, ou *Alba tyto*, como somos mais formalmente conhecidas. Antigamente, muito tempo atrás, vivíamos mesmo em igrejas.



Mas hoje, nós e alguns primos da mesma espécie vivemos neste reino da floresta conhecido como Tyto. De fato, somos raras e talvez pertencamos ao menor dos reinos das corujas. Apesar de, na verdade, não termos um rei há muito tempo. Algum dia, quando crescer e completar o segundo ano de vida, você também vai voar para longe deste ninho e encontrar um buraco para viver com seu par.

Essa era a parte do discurso que surpreendia e perturbava Soren. Ele simplesmente não conseguia se imaginar crescendo e tendo o próprio ninho. Como poderia se separar dos pais? E, no entanto, mesmo naquele momento sentia necessidade de voar com suas asinhas atarracadas às quais faltava o mais leve sinal de verdadeiras penas boas para voar.

– E agora – o pai de Soren continuou – chegou a hora da sua Primeira Cerimônia do Inseto – ele se virou para a mãe de Soren. – Minha querida Marella, você pode trazer o grilo?

A mãe de Soren se aproximou. No bico, ela levava um dos últimos grilos do verão.

– Coma, criança! Primeiro a cabeça. Sim, bico abaixo. Sim, sempre a cabeça primeiro. Esse é o jeito adequado, seja grilo, camundongo ou rato silvestre.

– Hummmmm – o pai de Soren suspirou enquanto observava a filha engolir o grilo. – Direto para a pança, não é mesmo?

Kludd piscou e bocejou. Às vezes, seus pais realmente o constrangiam. Principalmente o pai com suas piadas bobas.

– O espertalhão da floresta! – ele resmungou.

Ao amanhecer, depois que as corujas tinham se acomodado, Soren ainda estava tão empolgado com a chegada da irmãzinha que não conseguiu dormir. Seus pais tinham se retirado para a saliência acima dele onde repousavam, mas ele pôde ouvir suas vozes atravessando a fraca luz da manhã que se infiltrava para dentro do ninho.

– Oh, Noctus, que estranho... outro filhote de coruja desapareceu?



- Sim, querida, acho que sim.
- Quantos desapareceram nos últimos dias?
- Acho que estão faltando 15.
- Isso é muito mais do que os guaxinins poderiam apanhar.
- Sim – Noctus replicou sombrio. – E tem outra coisa.
- O quê? – sua mulher perguntou num piado trêmulo.
- Ovos.
- Ovos?
- Ovos desapareceram.
- De dentro do ninho?
- Acho que sim.

– Não! – Marella Alba abafou um grito. – Nunca ouvi falar de coisa parecida. Isso é horrível!

– Achei que devia lhe contar, caso tenhamos a felicidade de ter outra ninhada.

– Oh, grande Glaux – a mãe exclamou. Soren arregalou os olhos e piscou muito. Ele nunca tinha ouvido a mãe praguejar antes. – Mas é tão raro deixarmos o ninho quando estamos chocando. Seja lá quem for deve estar nos vigiando – ela fez uma pausa. – O tempo todo.

– Seja quem for sabe voar ou escalar – Noctus Alba acrescentou desconsolado.

Soren percebeu uma sensação de medo invadir a árvore. Ele estava muito agradecido por Eglantine não ter sido sequestrada quando ainda era um ovo e jurou que nunca a deixaria só.

Soren teve a impressão de que, assim que Eglantine comeu seu primeiro inseto, nunca mais parou de comer. Seus pais lhe garantiram que ele tinha feito exatamente igual.

– Ainda faz, Soren! E está chegando a hora da cerimônia de sua Primeira Pele-e-carne!



Assim tinha sido a vida naquelas primeiras semanas no ninho: uma cerimônia após a outra. Parecia que, de um jeito ou de outro, cada uma levava ao realmente maior, talvez o mais solene e, até aquele instante, feliz momento de uma jovem coruja: o Primeiro Voo.

– Pele! – Soren sussurrou.

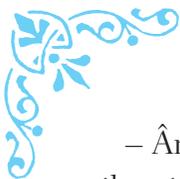
Ele não conseguia imaginar como seria senti-la deslizando garganta abaixo. Sua mãe sempre tirava toda a pele da carne e depois arrancava os ossos antes de oferecer os pequenos petiscos de camundongo ou esquilo fresco para Soren. Kludd já estava quase pronto para a cerimônia de seus Primeiros Ossos quando teria permissão de comer “a coisa toda”, como dizia seu pai. Era exatamente antes dos Primeiros Ossos que uma jovem coruja começava a passear nos galhos. Logo depois disso, ela daria início ao seu primeiro e verdadeiro voo sob os olhares vigilantes dos pais.

– Pule! Pule! É isso aí, Kludd! Agora, levante as asas assim que começar a pular para o próximo galho. Lembre-se, agora você vai apenas pular. Nada de voar. Mesmo depois das primeiras aulas de voo, você só vai voar sozinho quando a sua mãe e eu permitirmos.

– Sim, pai! – Kludd disse em um tom aborrecido. – Já ouvi esse sermão umas mil vezes!

Soren também o tinha ouvido diversas vezes, mesmo estando muito longe de se exercitar nos galhos. A pior coisa que uma jovem coruja podia fazer era tentar voar antes de estar preparada. E, é claro, era exatamente o que filhotes costumavam fazer quando os pais estavam caçando. Era uma tentação experimentar as asas recém-emplumadas, mas provavelmente a aventura acabaria em uma queda desastrosa, deixando a pequena coruja sem ninho, talvez gravemente ferida e no chão, exposta a perigosos predadores.

Desta vez, o sermão foi rápido e a aula de passear nos galhos recomeçou.



– Ânimo! Ânimo, garoto! Menos barulho. Corujas são voadoras silenciosas.

– Mas eu ainda não estou voando, pai! Aliás, como você não para de me lembrar! Qual é o problema se faço barulho agora que só estou pulando?

– Mau hábito! Mau hábito! Leva ao voo barulhento. É difícil tirar hábitos de barulho que começam na fase de praticar nos galhos.

– Ah, que droga!

– Ah, vou mostrar a droga para você! – Noctus explodiu, dando um piparote na cabeça do filho que quase o derrubou.

Soren teve que admitir que Kludd nem choramingou, apenas se levantou, lançou um olhar penetrante e recomeçou a saltar, um pouco mais silenciosamente que antes.

A sra. Plithiver emitiu uma série de assobios curtos.

– Esse foi difícil! Puxa! Nossa! Que bom que a sua mãe não está aqui para ver isso. Eglantine! – a sra. Plithiver chamou de repente. Mesmo sendo cega, parecia saber exatamente o que as jovens corujas estavam fazendo em qualquer momento. Ela havia escutado um inseto ser esmagado pelo bico de Eglantine. – Solte esse inseto. Corujas não comem esse tipo de inseto. Cobras domésticas fazem isso. Se continuar assim, vai crescer gorda e mole e não vai estar preparada para a sua cerimônia da Primeira Carne, para a dos Primeiros Pelos, em seguida nada de Primeiros Ossos e então nada de... bem, você sabe o quê. Neste momento, a sua mãe está procurando um belo rato silvestre gorducho de pelos macios para a cerimônia de Primeiros Pelos de Soren e talvez até encontre uma bela e pequenina centopeia contorcionista para você.

– Ooh, é tão divertido comê-las! – Soren exclamou. – Todas aquelas perninhas escorregando pela goela.

– Oh, Soren, conte-me aquela história sobre a primeira vez em que você comeu uma centopeia – Eglantine pediu.



A sra. Plithiver suspirou baixinho. Era tão bonito! Eglantine prestava atenção a tudo que Soren dizia. Um verdadeiro amor fraterno que Soren retribuía. Ela não tinha certeza, no entanto, do que exatamente tinha acontecido com o irmão mais velho, Kludd. Sempre havia um mais difícil em uma ninhada, mas Kludd era mais do que apenas difícil. Tinha algo... algo... a sra. Plithiver pensou muito. Tinha algo faltando em Kludd. Algo bastante fora do normal, que nada tinha a ver com o jeito das corujas.

– Cante a música da centopeia, Soren! Cante, por favor!

Soren abriu o bico e começou a cantar:

*O que se contorce
E sempre se retorce
Quando a gente come?
Cujos pezinhos agitados
Fazem meu coração bater acelerado?
Ora, são aquelas criaturinhas rastejantes
Que me fazem ficar ofegante.*

*Pois é, centopeia querida
Minha comidinha preferida
Dela nunca me canso
Quando a vejo, avanço.
Mais do que um besouro ou um grilo,
Que me dão vontade de tirar um cochilo.
Fico louco para comer
Uma centopeia succulenta
Que a minha moela acalenta.*

Assim que Soren terminou a canção, a mãe entrou voando no buraco da árvore e deixou cair um rato silvestre aos pés dele.